

Dirigente da luta armada (1962-74) travada pelo povo de uma das mais pequenas colónias europeias da África, Cabral não deixou de ser por isso, no decorrer dessa guerra um dos mais conhecidos responsáveis africanos, e um desses cujo pensamento exerceu uma influência ^{sem} ^{reflexos} ^{fronteiras} ^{na} ^{em} ^{sem} ^{limitações} de ^{fronteiras} ^{ou} ^{continentes}. Uma influência que ainda dá lugar a ^{reflexos} ^e ^{prolongamentos} para além da sua morte trágica, para além da independência enfim conquistada. Mas esta constatação, da cer ta mancira exterior, atrai a atenção para a metodologia de pensamento e da acção do próprio Cabral: esse combate que ele conduziu com a ten nedade, a seriedade, o rigor político e o sangue-frio que todos fo ram levados a nada reconhecer, foi ele que desde o início o colocou no contexto duma análise ^{nele} ^{de} ^{relações} de força e das tendências dominantes à escala mundial.

A sua influência, em África e ^{fora} ^{de} ^{para} ^{África} não é mais que o re conhecimento da validade desta análise assim como das conclusões teóricas e práticas que dela tirou.

Importa aqui fazer ressaltar, de acordo com a advertência de Cabral, que não se trata de ^{confundir} compreender estratégia geral e táctica de luta. (1) É evidente que toda a luta de libertação armada ^{não} ^{exi} ^{giu} e exige a procura de alianças exteriores, de pontos de apoio, uma certa propaganda, a utilização das contradições do ^{próprio} adversário, etc... em suma, grandes capacidades tácticas. Ela não faltavam tampouco a Cabral, mas não ^{pretendo} entendo deter-me aqui no estudo histórico da sua táctica de luta mas sim da sua visão estratégica e mundial que se mantêm profundamente actual.

Sem dúvida esta visão não ^{nasceu} isoladamente e contam mui to as experiências anteriores à constituição do Partido e sobretudo con temporânea do período que decorre da sua formação em 1956 ao desencadeamento da luta armada em 1962. Experiências anteriores à de Portugal submetido a um regime facista desde 1926-27 e que compartilhava com o da Espanha franquista a particularidade de não ter sido levado pela vaga de "libertação" de 1944-45; e que poderia já levar a reflectir sobre as di ficuldades, não unicamente locais mas internacionais que a libertação colonial teria de ultrapassar. Experiências anteriores também, a dos con tactos com a oposição antifacista clandestina no próprio Portugal, ou com o movimento político e cultural africano dos países de dominação fran cesa. Mas esta data de 1956 é também ao mesmo tempo a do relatório Kru- tchev, da intervenção de Togliatti a este respeito, da expedição do Suez e do seu fracasso, para peter deste ano crucial apenas três acontecimentos

que fizeram época. Ao avançar uma concepção do movimento operário internacional que substitua a ideia de um exército disciplinado com um comando e um Estado-Maior Central pela ideia da "unidade na diversidade" - diversidade dos componentes do movimento, unidade dos objectivos gerais - Togliatti caminha no mesmo sentido que o da reflexão dos militantes africanos frente a uma luta aparentemente muito desigual e em condições inéditas.

Mas a ruptura dos ^{tabus} ideológicos à qual contribuem, deliberadamente ou não, tanto o relatório de Kruçtchev como a revolta de Budapeste, e seu esmagamento, torna possível uma espécie de alargamento do campo de reflexão em todos os momentos ^{movimentos} anti-imperialistas. Quanto à intervenção da URSS na crise de Suez, ela tende a confirmar que alianças eficazes podem ser opostas à coligações imperialistas sem que ninguém ^{perca nelas} ~~para selar~~ a sua própria liberdade.

Para medir toda a originalidade e a força do pensamento de Cabral convém entretanto alargar o contexto histórico aos anos seguintes. A independência do Egipto ^{preservada} passada em 1956 vão juntar-se à do Ghana em 1957, a da Guiné em 1958 e a seguir as 17 independências de 1960. Apesar da terrível crise do Congo-Leopoldville aberta desde Julho e de que muitos subestimam a gravidade, o movimento parece ^{irresistível} insustentável e cria-se um clima de ilusão no qual coexistem durante algum tempo uma excessiva confiança na acção da ONU, e uma excessiva confiança numa progressão relativamente pacífica do movimento de independência em todo o continente africano.

Refido hoje, o livro de Páry Anderson sobre Portugal e o fim do ultra-colonialismo(2) publicado em 1962, aparece como um testemunho desse clima "o fim duma época está eminente" tal é a última fase deste ensaio escrito após o começo da guerra de Angola, mas antes do começo da Guiné-Bissau.

Ora, a reflexão política de Cabral, desde cedo, se põe em guerra contra as armadilhas do sentimento, parte pelo contrário da análise dos obstáculos a ultrapassar, não para deles se desembaraçar mas para determinar, medir de alguma forma os meios a aplicar. E, sobretudo, desde o começo, esta análise é desenvolvida com referência a uma perspectiva mundial. Poder-se-ia descobrir já em artigos anteriores à formação do PAIGC formulações que testemunham este aspecto internacionalista, ~~de~~ que, é necessário sublinhar de entrada, ^{que} ele constitui uma condição necessária a toda a leitura correcta do marxismo.(3). Mas é preferível ir imediatamente a dois ou três textos fundamentais de 1961 e 1964 onde se exprime com força e ^{vigor} uma visão global sobre a qual convém reflectir hoje tanto pelo que diz respeito às previsões realizadas como às que, de momento

constituem um fracasso ou um semi-fracasso.

Em primeiro lugar, travar o combate num país de dominação portuguesa não pode constituir um combate apenas contra o colonialismo português. Portugal, "sobretudo após o tratado de Methuen (1703) tornou-se numa semi-colónia histórica. (4). Mas nos anos 60, a Inglaterra não é mais a única potência imperialista de que depende o Portugal atrasado de Salazar. A França e a Alemanha Ocidental também se lhes juntam, e ainda mais directamente os Estados Unidos que o integraram na Aliança Atlântica e utilizam a base dos Açores. Desde então, perante um Portugal que mais não tem sido do que o Guardião por vezes invejoso dos recursos humanos e materiais dos nossos países, ao serviço do imperialismo mundial, (5), o combate dos povos das colónias portuguesas é necessariamente uma luta contra todo o imperialismo ocidental. Deste ponto de vista, existe uma diferença essencial relativamente à história dos movimentos de libertação dos povos sob dominação francesa ou inglesa: esses, antes da independência política tinham a emprestar um colonialismo preciso que os outros cobijavam frequentemente e, por outro lado, nesse período, os Estados Unidos poderiam ainda jogar com algum sucesso a carta de um anticomunismo verbal e diplomático.

É apenas no período do neocolonialismo que se abre após as independências dos anos 60 que aparece em plena luz a unidade profunda do imperialismo e, mesmo assim, ^{nao} sem algumas contradições no tempo de De Gaulle. Pelo contrário, Portugal com as suas massas miseráveis e seu ^{sempre} fraco desenvolvimento económico, deixa aparecer atrás de si toda a potência dos seus ^{fornecedores} ~~fracassos~~ de armas e seus ^{credores}, quer dizer a aliança Atlântica, apoio naturalmente interessado pois os seus mesmos aliados não se esquecem de se fazer pagar por uma política de ^{portas} portas abertas que entrega Angola aos monopólios oeste-alemães, franceses, americanos... E já em 1961 Cabral advertia que nisso residia "uma das principais razões da dificuldade e da possível longa duração da nossa luta" (6) Por outro lado, no plano interior, Portugal submetido à ditadura desde 1926 não poderia sobreviver tal como se encontrava sob o fascismo senão com a ajuda dos ^{superpovos} dum colonialismo primitivo que cobriam as enormes importações impostas pelo seu próprio sub-desenvolvimento. Desde logo, mesmo a título da hipótese, a perspectiva de uma independência outorgada de tipo neo-colonial à maneira da ^{gauchista} independência gauchista de 1960 era totalmente inexistente; o Portugal de Salazar não tinha além disso senão em constituir nas suas colónias baptizadas de "províncias ultramarinas" num núcleo de quadros africanos suficientes para enquadrar este género de independência formal.

Poder-se-ia, pois pensar que é esta situação particular que impôs a Cabral e aos outros dirigentes da luta de libertação da colónia portugue

sa, a sua visão mundial da exigência e da perspectiva da sua acção. Sem dúvida ela terá contribuído para isso. E, talvez mesmo, se deveria admitir que ^{uma} situação inicial de fraqueza material, de desproporção evidente na relação de forças, obriga e mais fraco a fazer ^{prova} fora da sua capacidade de análise, de inteligência, até mesmo de artificios (ou de tática) tanto maiores. Contudo, aqui não é mais de que um ponto de partida e ainda não é o essencial.

É ainda num texto de 1961 que Cabral traça a perspectiva global desta luta e a de toda a África. Toda esta passagem de discurso perante a III Conferência dos povos Africanos de Cairo deve aqui ser relida: "É preciso não esquecer que a revolução africana está ao serviço da paz e do progresso de toda a Humanidade. Se os povos africanos chegarem a ^{tomar} a na suas mãos, a ^{explorar} exploração e a ^{desenvolver} desenvolver racionalmente todas as riquezas materiais e humanas dos seus países, ^{isto} isto será uma contribuição decisiva para a paz mundial, ^{para o} para o desaparecimento total de imperialismo.

E é também uma contribuição eficaz ^{para o} para o progresso da Humanidade, ao mesmo tempo, porque nós também fazemos parte da Humanidade e porque a liquidação do imperialismo em África, sendo uma condição de segurança para os povos amantes da paz, facilitará a emancipação social e política das largas massas populares dos países imperialistas e colonialistas"(7). Ao que convém ajuntar que, no mesmo ano, Cabral sublinha, contra certas teorias em moda na época, assim como agora: "É preciso não esquecer que sejam quais forem as particularidades do caso africano e a originalidade possível da sociedade africana as leis de desenvolvimento ^{são} são as mesmas que as de toda as outras sociedades humanas"(8). Palavras tanto mais significativas ^{por virem} que ~~elas vêm~~ de um dirigente que ^{den} ~~trouxe~~ trouxe uma imensa contribuição ao conhecimento das sociedades africanas, precisamente das suas particularidades e que lançou ^{veementemente} veementemente apêlos ao desenvolvimento deste conhecimento. Enfim, conclusão prática dos princípios precedentes" nós encontramos ^{firmemente} firmemente e necessariamente ao lado de todas as forças anti-imperialistas e anti-colonialistas sejam quais forem os seus países".(9) O que liga todos estes textos(10) é a ideia directriz ^{que} que a luta desencadeada é e deve ser ao mesmo tempo uma luta pela supressão da dominação colonial directa e contra todo o neocolonialismo.

Cabral, diferentemente do ^{Rassemblement Démocratique Africain} ~~Rassemblement Démocratique Africain~~ (RDA) em 1946, por exemplo não prevê que se possa visar, numa primeira etapa, a obtenção da independência política, deixando para uma ou várias etapas ulteriores a independência económica e social efectiva. É ao mesmo tempo que é preciso lançar as bases de uma e de outra. O combate contra o colonialismo deve ^{em si} ~~enfrentar~~ enfrentar à partida o imperialismo ^{em si} ~~em si~~.

portante, o conjunto dos mecanismos financeiros, comerciais, industriais e também culturais que asseguram a dominação do capitalismo ocidental, central, sobre os elementos periféricos do sistema. É por isso que para além da África, que objectivamente tem um interesse evidente em apoiar a luta nas colónias portuguesas, para além também dos países socialistas, Cabral se dirige a todas as forças que nos países capitalistas têm interesse em apoiar e reforçar toda a luta imperialista onde for que seja.

E neste quadro, dizer como Cabral o fará na ONU, alguns meses antes da sua morte que "a nossa luta e a libertação total do nosso país servem os interesses maiores do povo português (II)", e que se verificou amplamente em 1974 como cada um sabe, aparece como uma verdade, mas uma verdade parcial pois trata-se ainda mais, dos interesses maiores do combate de libertação à escala mundial.

Neste ponto é necessário retornar à ^{distinção} definição essencial entre as exigências táticas ^{de um lado} ~~duma parte~~ e os objectivos e conteúdos estratégicos de outra. Fora da África, a guerra de libertação da Guiné-Bissau e dos outros povos sob a dominação portuguesa suscitou com efeito, a criação de Comités de apoio, de acções de ajuda financeira, de campanhas de propaganda, da publicação de reportagens (Chaliand em França, Basil Davidson na Inglaterra, Romano Ledda ^{na} Itália, nomeadamente), de intervenções ^{vária ordem} de ~~toda a sorte~~ que resultaram em dois acontecimentos espectaculares: a recepção dos dirigentes dos movimentos nacionalistas pelo Papa Paulo VI no dia 1 de Julho de 1970, a missão da ONU na Guiné libertada, em Abril de 1972, para reter apenas os mais salientes. Mas aqui não é a história deste movimento de solidariedade imediata que nos preocupa, a despeito de dificuldades que ele teve de ultrapassar, a despeito da importância que ele pôde ter quanto à sua contribuição para o sucesso da luta. ^{Na verdade} ~~com efeito~~, ele se ^{apresenta} ~~apresenta~~, sob o efeito da distância, como uma acção de solidariedade entre outros (com a África do Sul ou com os Palestinos, por exemplo) quer dizer parcial ao mesmo tempo que apoiando-se em motivações diversas dos seus participantes, mas sem fornecer uma análise global da ligação profunda dos interesses convergentes, ^{esse} ~~duma parte e outra~~, não era aliás, nem o seu papel nem o seu objectivo.

Mas no caso da relação entre estas guerras em África e evolução interna em Portugal no mesmo período, está-se já perante uma relação estratégica, e finalmente elucidativa sobre o que pode ser a prática da unidade na diversidade.

Houve no princípio dos anos 60, não uma mas várias oposições à ditadura fascista em Portugal, e dirigentes africanos como Cabral ~~disse~~ ^{sem} conhecia**em** os diversos aspectos. Todas as oposições não tinham a mesma posição sobre o problema colônial. A do capitão Galvão, antigo funcionário colonial do regime, que se apoderou do paquete "Santa Maria", no início de 1961, não defendia a independência, mas ~~voltava~~ ^{voltava} tão somente algumas reformas. A oposição operária, do Partido Comunista clandestino, ela, sim, defendia. Evidentemente seria absurdo imaginar que o movimento de libertação africano teria podido resolver, ou mesmo propôr-se resolver os problemas internos do Portugal de Salazar, e Cabral tinha por tarefa alcançar a independência da Guiné-Bissau e não ^{EU} derrubar Salazar. Poderia, finalmente, ter-se criado um conjunto de circunstâncias ^{tais} - que não se realizavam - ~~tais~~ que obrigassem Salazar ou Caetano a ceder. Esta distinção, por evidente que pareça, necessita de ser lembrada, ^{pois} ~~que~~ existiu, e ~~que~~ existe ainda, uma corrente de pensamento político nos países capitalistas do Centro para a qual o movimento revolucionário não pode mais hoje desenvolver-se senão a partir do 3º Mundo, ^{não podendo o} ~~aquele~~ movimento operário do Centro ^{vir através} ~~de~~ depois, ^o por assim dizer, como a queda dum fruto maduro.

Ora, para Cabral, engajado nesta data, em 1961, na preparação política da luta armada, a relação entre a guerra nas colónias e a luta anti-fascista em Portugal, apresenta-se de maneira diferente. De maneira diferente, quer dizer que ^{há} desde então, e não depois, uma relação ainda que complexa.

"Se a queda do fascismo em Portugal, disse em Dakar, pode não levar ao fim do colonialismo português - hipótese que é aliás, apresentada

2

por alguns dirigentes da oposição portuguesa - temos a certeza de que a
liquidação do colonialismo português arrastará a destruição do fascismo
em Portugal" (12). A impossibilidade objectiva duma tentativa neo-colonia-
lista por parte do fascismo à Salazar (13) conjuga-se com a recusa anteci-
pada desta via - ^{form no} que ~~form~~ não anterior a da R.D.A. de Houhouet-Boigny,
nomeadamente - por Cabral para explicar "esta última afirmação. Sendo assim
e dado ainda ao facto de Cabral estar pronto "a encarar uma aliança das
nossas forças e das forças democráticas e progressistas portuguesas para
a liquidação simultânea do colonialismo e do fascismo português" (14),
com a condição de que as forças tomem partido a favor da independência das
colónias, esta relação não se estabeleceu sozinha, automaticamente, mas
através de toda uma acção política prosseguida no decurso da guerra. Folhe-
tos e mensagens dirigidas, em 1960 e 1963, aos colonos e aos militares
portugueses, indicações significativas nos relatórios anuais sobre a si-
tuação da luta relativas à desmoralização e à deserção no exército portu-
guês (16), a referência junto dos quadros do PAIGC aos casos de ajudas de
brancos anti-colonialistas (17), são alguns factos que demonstram suficien-
temente que para Cabral, não se tratava duma formula retórica, mas da con-
tinuidade duma estratégia. Este implica que simultaneamente sejam distin-
guidas e tomadas em consideração, com o seu devido peso, dum lado, as for-
mações políticas, doutro lado, as estruturas sociais.

Em relação às primeiras, é evidente que uma ditadura fascista no
país dominante implica necessariamente nos países dominados uma repressão
e autoritarismo reforçados, ainda que uma democracia parlamentar burguesa

3

no país dominador se acomode bem com a repressão e o autoritarismo nos países dominados, como é o caso da generalidade das colonizações europeias dos séculos XIX e XX.

Viu-se atrás a advertência de Cabral a este respeito. Além disso, este mesmo regime democrático no centro aparece hoje como o único capaz de realizar uma política neo-colonialista, e de grande envergadura. O facto de estes regimes políticos dos países imperialistas permitirem à crítica do sistema ~~de se~~ ^{se} exprimir, ^{na} introduz, de certo, um factor apreciável no plano táctico, mas muda em ~~quite~~ pouca coisa a realidade, e nada, quanto se trata da análise estratégica e da própria estratégia. Em contrapartida ao nível das estruturas sociais, descobrem-se claramente os imperativos que comandam tanto as eventuais convergências como as ^(irredutíveis) oposições.

No caso em que se mantém no centro uma estrutura social baseada no imperativo do máximo de lucro para os detentores dos meios de produção, a única alternativa possível situa-se entre o colonialismo e o neo-colonialismo. A coloração política de esquerda ou de direita não muda este dado fundamental, como se pode verificar através da posição actual da França com ^o goerno de esquerda. Algumas modificações na linguagem, nas relações humanas, no papel das bases e forças de intervenção, não conseguem camuflar a continuidade do imperialismo em caso semelhante.

Outras vias abrir-se-iam se, num mesmo período, se registassem sucessos simultâneos na luta de forças de libertação africanas decididas

9

a quebrar toda a dominação imperialista, seja ela colonialista ou neo-colonialista, e de forças operárias decididas a quebrar a dominação imperialista, no Centro. Mais precisamente, tal convergência, até o presente, só se manifestou em Portugal durante os meses do período ascendente da Revolução de 25 de Abril de 1974 a Novembro de 1975. Ela foi mesmo acompanhada por um começo de formulação teórica por parte dos oficiais "terceiro-mundistas". Mas não é com certeza um acidente, se as forças poderosas no mundo - nomeadamente, os serviços americanos, a social-democracia alemã - se apressaram em socorrer os elementos reacionários de Portugal, e conseguiram fazer abortar a Revolução dos cravos.

Assim, por um lado, pode-se concretizar e verificar-se a visão estratégica de Cabral no decurso de uma guerra que conduziu a duas revoluções quase simultâneas: a que põe fim ao colonialismo nos países africanos sob dominação portuguesa, e a que põe fim ao fascismo no país colonizador. Mas, por outro lado, a partir dessas vitórias, as convergências realizadas parecem enfraquecer-se, a estratégia de unidade na diversidade dá lugar a solidariedades intermitentes pelo menos. É tal contraste que exige, hoje, ser explicado, numa análise que permita ver como é que ele poderia ser ultrapassado.

A distinção acima indicada entre formas políticas e estruturas sociais enquadra-se perfeitamente aqui. Na Europa ocidental dos anos 60, contemporânea da descolonização, as ameaças de repressão autoritária nos países de democracia parlamentar concretizavam-se com o surgimento do gaullismo em França, a tentativa de golpe de Estado legal na Itália no verão de 1960 mais as conspirações nos anos seguintes, a ditadura dos co-

ronéis na Grécia de 1967 a 1974, etc..., Descolonizador formalmente e imperialista quanto à essência, o regime gaullista era, juntamente com os Estados Unidos, nomeadamente, um dos apoios mais constantes de Portugal de Salazar, bem como, além disso, da África do Sul racista (mas mais discretamente nesse último caso). E a África do Sul, também, apoiava eficazmente a guerra colonial dos portugueses.

Com a mesma ^{capacidade} ~~capacidade~~, os adversários políticos do gaullismo que se encontravam nos comités de apoio à luta das colónias portuguesas ^{batiam-se} ~~luchavam~~ contra um aliado do gaullismo e ao mesmo tempo implicitamente contra a própria acção imperialista do seu governo. E compreend^{er}-se que apoiar a acção de Cabral e as suas teses significava já condenar a prática da des^{colonização} ~~colonização~~ gaullista, que o simples nome de Faccart chegou a simbolizar ou resumir em África.

Tratava-se naturalmente de se opôr aos intentos imperialistas da França, com os seus investimentos em Angola, a sua participação na construção de Cabora-Bassa, que veio a juntar-se às vendas de armas (tanto a Portugal como à África do Sul). Logicamente, a reflexão sobre tal acção poderia levar, a partir de factos precisos, a se pôr em causa toda a estrutura da economia francesa para a qual, assim como ela ainda hoje se encontra, esse género de intervenção externa não é algo acidental, que se possa mudar como se mudam os altos funcionários, mas uma exigência vital. A solidariedade com o combate de Cabral, que à partida recusava o surgimento de uma burguesia negra (18), podia, pois, articular-se logicamente com a luta contra a dominação capitalista no Centro.

É efectivamente este desenvolvimento que se verifica no movimento português. Bem entendido, o facto de ~~que~~ ^{nem} o aumento dos efectivos, nem os bombardeamentos cegos, nem as tentativas de divisão ou de corrupção das populações e dos seus dirigentes ~~tenham~~ ^{terem} podido, em 12 anos, impedir o PAIGC de libertar três quartos da Guiné-Bissau teve um peso decisivo na evolução dos oficiais portugueses. Do mesmo modo, nem os massacres, nem o envio de forças militares e policiais cada vez mais importantes puderam impedir os sucessos do MPLA e da FRELIMO em Angola e Moçambique.

Mas a derrota militar, por si só, não consegue explicar a direcção tomada pelo movimento no país colonizador. Dien Bien Phu e a guerra de Argélia na França, a independência do Congo na Bélgica, por exemplo, tiveram como repercussão histórica na ex-metrópole posições chauvinistas e reaccionárias que tiveram grande peso. Aqui, pelo contrário, colocados perante um impasse pela recusa categórica dos governantes fascistas de Lisboa em se empenharem numa negociação (e aliás, Salazar ou Caetano não tinham qualquer margem de manobra a este respeito, em virtude da natureza da sua própria base de poder) oficiais, estudantes e povo em Portugal foram muito mais longe. Não só como é inevitável em casos deste género para se pôr em causa um governo e um sistema político que põe obstáculo a uma solução, qualquer que seja, mas também à tomada de consciência da necessidade de ~~transformar~~ ^{transformar} a ~~estrutura~~ ^{estrutura} social de que emanam.

Parece difícil de se negar que, para além dessa reacção espontânea à guerra, que foi, pelo menos em parte, o fluxo de emigração popular portuguesa a partir dos anos 60, a acção paciente e tenaz de Cabral desempenhou ^{um} papel considerável. Já fiz referência à sua prática em relação aos desertores e opositores portugueses, à aplicação de uma política de princípios, já se viam as perspectivas que ele frequentemente recordava quanto ao impacto da guerra de libertação mesmo no destino de Portugal. Mas, Cabral ^{foi} mais longe ainda, ao delinear as bases de uma luta comum nos países imperialistas do Centro e nos países dominados, e isso em Maio de 1964 ^{na} intervenção no Centro Frantz Fanon de Milão (19). Esta luta ^{comum} não tem como fonte valores ideais, ^{mas} sim a estratégia do imperialismo na segunda metade do século XX. Cabral depreende duas orientações concomitantes e conexas: de um lado a concessão da independência (política, formal) nos países ocupados, favorecendo neles a formação e o domínio (sub-alterno) de uma "pseudo-burguesia", de outro lado, o desenvolvimento da aristocracia operária nos países capitalistas desenvolvidos, reforçando assim o campo de acção da pequena-burguesia. Nas duas zonas, trata-se de deter e bloquear qualquer processo revolucionário, autêntico. As duas orientações estão estreitamente ligadas. O triunfo do neocolonialismo alimenta os lucros do centro, permite distribuir algumas migalhas, daí ^{extinguidas} ~~extinguidas~~, aos operários, ou pelo menos a uma fracção da classe operária, garantir sobre tudo o que se chama "prosperidade" no regime capitalista. Assim tanto no Centro como na ^{Periferia} ~~Periferia~~, cada um está interessado na luta contra o imperialismo, o inimigo comum. E, como Cabral demonstra, essa luta exige ao mesmo tempo estudo e acção. Estudo que, na obra de Cabral, não se compartimenta em sectores geográficos. A esquerda europeia pode e deve contribuir não sómente para o estudo e a análise concreta dos países africanos, mas também o movimento de libertação africano pode e deve contribuir não sómente para a análise dos países africanos, mas também para a dos países dominadores que ele ^{vê} ~~encara~~, de algum modo, sob um ângulo diferente do dos seus habitantes.

Muito precisamente, os iniciadores da Revolução portuguesa de 1974 foram levados a virar-se para as forças sociais que poderiam ter interesse próprio em sair do impasse da guerra colonial fascista, operários de Lisboa, operários agrícolas e camponeses pobres. É certo que a princípio aderiram à revolução representantes da corrente que queria sair dela através de um reformismo neocolonial, conforme o ponto de vista dos americanos, que, sem dúvida, começavam a pensar que apoiar Caetano

lhes era demasiado caro, atendendo ao carácter duvidoso do resultado. Um homem como o general Spínola é típico a este respeito, ele que nas primeiras semanas da República ainda pretendia impor aos guineenses um voto para a auto-determinação, num momento em que o Governo independente da Guiné-Bissau, criada em Madina do Boé, a 24 de Setembro de 1973, fora já reconhecido pela maioria dos membros da ONU. Mas o que é característico desse período é que essas tentativas foram rapidamente afastadas, e ao contrário, foi avançada a ideia de que um Portugal socialista, que nessa data parecia possível, encontraria mais de pressa aliados no Terceiro-Mundo do que nos países capitalistas da Europa ocidental. Não é simplesmente por causa da ^{sua} posição geográfica ou da ~~se~~ história que Portugal poderia, com efeito, evoluir nesse sentido: a ideia tem, a meu ver, um valor de princípio, que não se pode limitar só ao caso de Portugal. Na verdade podia-se, em 1974, conceber relações novas e solidárias entre os movimentos de libertação autenticamente revolucionários das colónias portuguesas e um Portugal socialista, pois o inimigo era comum. O mesmo já não se pode dizer, no entanto, de uma França socialista nas ^{suas} relações com os Estados africanos que saíram da dominação colonial directa, já que nenhum deles tem, hoje em dia, um Governo autenticamente revolucionário. Nisso é que consistia a oportunidade e a originalidade daquilo a que se chamou o terceiro-mundismo dos oficiais de Abril e aí se encontra o resultado do pensamento político e de acção de Cabral assassinado um ano antes.

Fica ainda por se saber, se a sua hipótese estratégica ainda é válida em 1982, se a crise e as políticas de austeridade no centro, e desenvolvimento da nova divisão internacional do trabalho, a degradação das condições de vida e sobrevivência, a decomposição, às vezes, do poder de Estado em vários países africanos não tornam as análises de 1964 ou 1961 ultrapassadas. Todavia não é necessário deter-se aí nas diferenças evidentes resultantes de uma crise mundial encoberta há cerca de 10 anos (1971) e que introduziu políticas ditas de austeridade tanto nos Centres imperialistas como nas suas periferias. Por mais graves que sejam os desenvolvimentos como o crescimento monstruoso do endividamento dos países do Terceiro Mundo não produtores de petróleo, o estado de quase-bancarrota financeira de alguns deles (mas também o indivíduo de certos países socialistas), a instalação de desemprego generalizado, etc. ..., eles não suprimem de modo algum a actualidade da questão posta por Cabral à esquerda europeia que se proclama socialista: reconhece-se que o imperialismo é o inimigo comum? E se a resposta

é afirmativa - como é que ela poderia ser outra para um marxista?-, e que é que se deve fazer para lutar contra ele, tanto no plano da investigação como no da acção?

A partir deste ponto de vista, e de todo o socialista marxista - cujo método de pensamento parte necessariamente do conhecimento da totalidade para determinar as partes - esclarece-se o contraste salientado acima entre aquilo que se passou, mesmo que brevemente em Portugal e o que aconteceu nos países imperialistas. Pois o Portugal facta, segundo a análise justa que Cabral dele fez, para surpresa de alguns auditores seus, não era um país imperialista. "Portugal não é um país imperialista, Portugal é um país colonialista atrelado ao imperialismo, mas ele próprio pela ^{sua} natureza não é um país imperialista, Portugal é um país colonialista atrelado ao imperialismo, mas ele próprio pela ^{sua} natureza não é um país imperialista" (20). O que seria de natureza a fazer compreender porque é que este mesmo país, profundamente miserável e atrasado, ^{nessa} ^{momento} em que ele se pôde libertar da ditadura ainda não se encontra ^{em} ^{qualquer} rede de laços financeiros e económicos, sociais que pudesse ter uma repercussão em toda a ^{sua} vida económica e aparecer como qualquer coisa a que não se pôde ^{furtar} mesmo se se desejar. A situação dos países imperialistas é pois diferente, não só no que se refere às suas condições materiais, mas também quanto às suas estruturas ideológicas e culturais (culturais na medida em que a força do hábito é já uma cultura de certo tipo).

O apelo de Cabral à esquerda europeia socialista, já se ^{o viu} ~~estru~~, mais é necessário insistir neste aspecto, baseava-se não na hipótese de uma aliança táctica de motivações diversas, mas sim na de uma acção comum quanto ao seu princípio intrínseco (e diversa quanto às ^{suas} formas) contra o imperialismo. Terá que, neste contexto, se deve acusar mesmo a linguagem corrente? É que na prática o imperialismo tem sido ainda confundido com uma ou outra forma política de que ele se pode revestir. Como se o fascismo de Salazar e Caetano de um lado, o autoritarismo presidencial de de Gaulle (ou Pompidou ou Giscard) fossem formas típicas, ou mesmo necessárias do imperialismo. É significativo neste aspecto que foi precisamente em 1971 que Cabral insistia de novo na distinção entre imperialismo e dominação imperialista, (21) num momento em que era já certo que uma vitória militar dos portugueses em África era impossível e quando o movimento de apoio à luta ganhava uma grande amplitude no mundo. Hoje, o imperialismo, ao contrário das ditaduras, é um fenómeno mundial e geral.

15

Mas, então qual é actualmente a implicação da solidariedade efectiva das ^{forças} ~~grupos~~ socialistas dos países imperialistas do Centro ^{em} relação à luta anti-imperialista levada a cabo, com destinos diversos, contra o neo-colonialismo em todo o Terceiro-Mundo? Por outras palavras, esta luta deve unicamente denunciar o apartheid, a ocupação da Namíbia pela África do Sul, a ^{suá} ~~dominação~~ ^{na} ~~do~~ Lesotho e na ^{Suauiândia} ~~Suauiândia~~, denunciar a manutenção de bases militares, o armamento dos Governos clientes do ocidente e assim por diante? Toda a gente, quer ^{no referir} ~~dizer~~ com isso, às pessoas que se proclamam socialistas, reconhece certamente que as acções enumeradas acima, e outras mais ainda desse tipo, são indispensáveis e ainda insuficientes, seguramente. Mas as capacidades de recuperação e de restauração de que o imperialismo tem dado prova como sistema económico que funciona em todo o mundo (com excepção dos países socialistas)(22), para benefício exclusivo do capitalismo central com escassos dividendos para as burguesias apêndices, mostraram que falta a esses movimentos uma dimensão essencial que as condições novas exigem imperiosamente.

Efectivamente, as declarações de princípio e as exigências morais têm pouco peso, se o modo de vida, os hábitos criados pouco a pouco e instituídos pelo capitalismo do centro continuarem a basear-se em fornecimentos baratos vindos do Terceiro-Mundo, nos lucros exorbitantes tirados desses países, ou mesmo em produtos de consumo ou elementos desses produtos fabricados igualmente a um preço baixo em alguns países do Terceiro-Mundo. Elas não têm grande peso, quando a combinação da troca desigual e o financiamento público de certas exportações asseguram ao Centro pedidos de mercadorias e empregos nas fábricas de armamento, empresas de trabalhos públicos, etc... Nesse ponto, deve-se constatar que, nas fábricas de armamento, onde se construíam, para citar só o caso de França, os submarinos destinados a Portugal ou os helicópteros destinados ao ataque das regiões libertadas na Guiné, Angola ou Moçambique, não se manifestou a solidariedade que Cabral justamente pedia. Esta falha pertence ao passado, mas ainda hoje parece que as forças de esquerda nem sequer tentaram pôr em causa a actividade dessas fábricas de guerra que continuam a ter clientes entre as ditaduras da África e América do Sul. Evidentemente seria inconcebível abordar-se criticamente a questão sem se propôr ao mesmo tempo uma conversão das ^{suas} ~~das~~ actividades. Trata-se de abordar o problema, sempre esquivado, de uma estrutura ^{diferente} ~~distinta~~ da produção no Centro. E também de outra estrutura social.

NÃO faz sentido falar-se em relações em pé de igualdade ou de

uma nova ordem mundial, se não se reconhecer previamente que tal igualdade exige uma estrutura de rendimentos nos países imperialistas que venha abolir os mais elevados, isto é os dos beneficiários do sistema. E sem dúvida também outros, ^{menos} ~~menos~~ elevados, mas que não são necessariamente justificados, pois que o sistema também distribui certos ^{rendi-} ~~ment~~mentos à sua própria base (nacional) de técnicos e quadros (23). O que quer dizer que se se situar no quadro da luta global contra o imperialismo, onde quer que se estiver, não há sectores separados de acção. Não se pode pôr de um lado o que dependeria da política externa do Estado em questão (de que faria parte, no que respeita à França por exemplo, as ^{suas} ~~suas~~ relações privilegiadas com um certo número de países africanos) e do outro lado, o que dependeria da política interna do mesmo Estado (que, no mesmo exemplo, poderia continuar a preservar os mecanismos essenciais do capitalismo, conservando é certo, aspectos de esquerda). Não se trata aqui de apoio pontual a tal ou tal movimento de libertação, apoio, repito, sempre necessário, mas sim de único tipo de acção, e principalmente de pensamento, de concepção do mundo, que pode um dia condázir a uma vitória mundial sobre o imperialismo e não a sucessos parciais sempre post^{os} em causa.

Eu não creio que estas considerações nos afastem de Cabral, pois parece-nos ter demonstrado que um dos traços fundamentais do seu pensamento foi o de ter constantemente pensado a partir da situação do mundo, da totalidade das relações mundiais e não dos aspectos particulares com que ele se confrontava directamente. E foi mesmo por ter partido dessa concepção totalizante (24) que o mesmo Cabral pôde trazer tantos ensinamentos novos sobre certas sociedades africanas. O particular só adquire o seu sentido completo a partir dessa visão de conjunto, graças à qual ele não se transforma em folclore ou excepcionalismo.

É sobretudo nisso que Cabral se mostra profundamente marxista, pois não há pensamento marxista que não seja antes de mais pensamento da totalidade mundial, que determina os elementos e não o contrário. Foi ele quem, desde o início concebeu o combate da Guiné-Bissau e dos outros povos sob a dominação portuguesa como um aspecto do combate do movimento operário internacional da classe mundial como dizia Gramsci, evidentemente com as particularidades próprias dessas sociedades africanas, cujas análises levam a conclusões completamente diferentes da análise das relações sociais no centro.

No entanto, hoje, partindo da constatação da inexistência de qualquer internacional, da multiplicação dos socialismos nacionais, das contradições entre movimentos operários nacionais, da ausência enfim, de uma concepção anti-imperialista global, elevam-se vozes que sustentam

que essas concepções são na época actual, caducas ou na melhor das hipóteses uma visão meramente ideal. Segundo elas, uma vez que não se seguiram factores correspondentes, deve-se mesmo abandonar o princípio e reconhecer que a única esperança de uma vitória definitiva sobre o imperialismo estaria na acção dos povos do Terceiro-Mundo, da periferia do sistema capitalista, independentemente da acção no Centro. Mas também neste caso, os factores também não confirmaram exactamente uma tese que parece uma repetição ^{de ideias} ~~essenciais~~, mais desenvolvida, de certas teses dos anos 56-60 acima evocadas. Mas, parece-me mais importante notar que mesmo a análise, em que se baseia, trazia à luz o carácter mundial de um sistema, que conseguiu dominar no Centro as suas próprias condições (entre Estados, entende-se) para as transferir para a periferia. Nestas condições, e mesmo que se esteja actualmente perante aquilo a que Cabral poderia mais uma vez chamar "crise de conhecimento" (23), será que não se deve admitir que somente a concepção totalizante oferece uma via para se sair dela, mesmo admitindo que há muito ainda por fazer para que ela se concretize?

15 de Outubro de 1982